

Vida Sofrida do Brasil Agrário

Análise crítica do vídeo “Memórias da roça” (2015)

Juliane Figueiredo Silva Pereira



O vídeo “Memórias da roça, (30 min) de Giovanni Alves, apresenta os relatos das memórias de duas famílias de pequenos agricultores do interior de SP, cidade de Marília. Tratam-se de experiências de duas famílias num período cujo trabalho era árduo na roça; este tipo de trabalho é descrito no início do vídeo como configurado pelo fortalecimento dos laços de comunidade e espírito coletivo, devido às condições materiais vigentes.

No início do vídeo há uma breve narrativa escrita das relações trabalhistas na roça e no campo, e também dos tipos de vínculos interpessoais que se estabelecem dentro destas relações. Estes contém inúmeras particularidades da vida rural, principalmente quando comparados ao tipo de relação no interior das cidades com centros urbanos desenvolvidos, ou em desenvolvimento.

A primeira parte do seguinte trabalho contém dois diferentes relatos de vivências na roça, os de Bruno e Joana (parte I), e de Dirce e Suzel (parte II); estes relatos foram divididos desta forma com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor.

Parte I: Bruno e Joana.

Joana inicia seu relato falando sobre o sítio Santa Cecília, cuja formação foi feita pelo avô de Bruno. Passavam pela estrada de ferro, indo até Campos Novos Paulistas, e seu avô, Carlos Colombo, achava que a passagem era feita com facilidade. O avô de Bruno Veio da Itália e foi fundador da cidade de Nova Colúmbia (interior paulista). Joana relata como ao longo de sua trajetória da infância para a idade adulta (adolescência) não teve acesso aos estudos, pois sua mãe não a permitia estudar, pois além das questões culturais típicas do interior, como a ideia de que o estudo não era algo necessário para as mulheres, que tinham como destino o trabalho doméstico, além desta visão de mundo havia a questão material, o fato de que o sítio ficava num lugar de difícil acesso em relação às regiões onde se localizavam as escolas; Joana descreve que havia a necessidade de andar por estradas encobertas por matos para chegar às mesmas. Desta forma relata que só fez o segundo ano primário (correspondente ao terceiro ano atualmente, 2019). Joana relata também que colaborava nos afazeres domésticos da casa, ajudava também na colheita de café. Considera que era uma vida muito regrada e disciplinada.

Bruno relata que sempre ajudou na colheita de café, desde pequeno, o que era rotineiro entre sua família. Ao crescer, devido a sua boa compreensão da produção de café, desde sua colheita até o ensacamento e envio para o comércio via caminhões, continuou responsável por tal atividade; Bruno descreve que também trabalhavam na plantação/colheita de arroz. Cumpria diversas funções, que iam desde tal colheita e trabalhos no sítio, até enviar os produtos finais do trabalho por caminhão para serem vendidos. Neste período ele e Joana começaram a namorar e casaram-se.

Após o casamento mudaram-se para o Paraná, e pouco tempo depois retornaram a Nova Colúmbia. O pai de Bruno comprou um sítio para ele e seus outros cinco irmãos; Bruno vendeu a parte que era sua do sítio para seus irmãos, e o casal mudou-se para a cidade com o objetivo de “estudar os filhos” - palavras de Joana. O casal achava importante que os filhos tivessem acesso à educação formal (escola e faculdade); neste período se mudaram para Marília.

Bruno relata diversos negócios de compra e venda de terras que fez até que conseguissem chegar à cidade de Marília, descreve alguns locais do interior pelos quais passou. Em Marília Bruno e Joana continuam morando num Sítio, trabalhando com a produção de café até que ambos se aposentaram. Na visão de Joana a vida melhorou nos últimos tempos (2015 quando dá seu relato), tem melhor poder de consumo, melhor acesso a maior variedade de produtos. Para Joana a vida na roça era muito sofrida.

Parte II: Dirce e Suzel

Esta parte do vídeo traz o relato da mãe Dirce e de sua filha Suzel, a despeito de suas vivências no meio rural. Dirce relata que começou a trabalhar com oito anos na roça, discorre como exemplo de dificuldade o fato de que para obter água, precisava “puxar água do poço”, ou seja, descer um balde pendurado por uma corda até a parte debaixo do poço, puxando-o carregado por água para cima. Conta que a escola era muito longe (4km a pé) em meio ao mato. Depois que se formou na escola casou-se e foi morar em Marília, descreve que os filhos também sofreram, tendo rotinas de estudos concomitantes a de trabalho na roça, pois mesmo mudando de cidade permaneceram no trabalho rural. Descrevem também a falta de energia elétrica, quando afirmam que passavam roupa com ferro de brasa à luz do lampião. Uma delas afirma: “E foi assim, sempre na roça, nunca saímos da roça, até a idade de setenta anos ainda trabalhava na roça”.

Depois seus filhos casaram, e com 83 anos ainda executa os trabalhos domésticos; além de cuidar de uma cunhada que possui necessidades especiais. Todo este trabalho era apenas para consumo, as entrevistadas afirmam que era apenas para consumo próprio, trabalho que descrevem como “trabalho familiar”. Num mesmo terreno agrário habitavam diversas famílias, todas trabalhando arduamente nas colheitas; nestes terrenos produziam quase tudo que era necessário para viver, desde o porco que matavam para comer, até a banha do porco aproveitada para fazer sabão. Só compravam sal, farinha e açúcar.

Quando sobrava feijão negociavam na venda em troca de produtos como farinha e carne de boi. Dirce relata que um dos alimentos normalmente utilizados para consumo próprio era o leite de vaca retirado do próprio sítio. Ela relata que as mães gastavam muito tempo com suas ocupações na roça, portando não tinham tempo para amamentação. Desta forma as avós ficavam com a função de alimentar as crianças cujas mães trabalhavam na roça; o leite retirado diretamente da vaca (sem passar por nenhum processo industrial)

tem uma quantidade de gordura muito concentrada, e no meio de muitas tarefas domésticas a serem executadas, muitas vezes as avós esqueciam de misturar o leite com água, o que fazia com que algumas das crianças falecessem devido a má digestão, assim Suzel relata que perdeu alguns irmãos. A este processo de má digestão que segundo Suzel causava desidratação, os médicos chamavam “mal de semioto” e diziam que a cura era o benzimento, cura divina.

Suzel relata que ela e seus irmãos trabalhavam desde muito pequenos (em torno dos quatro anos de idade). Descreve que o trabalho era pesado para ambos, porém para os homens mais ainda. Escreve que a horta de seu pai era muito extensa, fora de lá buscavam apenas sal e açúcar. Ela descreve também que ia à escola, que ficava em torno de 2 quilômetros de distância, orientada pelo sol, e que tanto ela quanto os colegas de turma chegavam sempre no horário certo. Ela faz também uma descrição densa de como conciliava o trabalho na roça com os estudos, e do quanto era sacrificante tal conciliação. Descreve também que era uma perda de mão de obra para os pais o tempo que passavam se dedicando aos estudos, pois era um trabalho a menos nas plantações.

Sobre um meio “universal” de comunicação Suzel descreve que possuíam apenas um rádio, Suzel relata que hoje, apesar de todas as dificuldades, sente saudades dessa época, pois sentia “paz de espírito”, pois preza pelo trabalho, que segundo a mesma, traz uma boa sensação. Tanto a mãe quanto a filha dizem sentir prazer em executar trabalhos sejam domésticos, ou na roça. O relato de Suzel acerca da paz que sentia em meio ao campo e ao tipo de trabalho que executava, que embora cansativo lhe trazia uma boa sensação, trás à tona a reflexão de que a mesma possivelmente vivenciou um processo de transformação de que algumas relações (do período que relata até o período no qual está vivendo e narrando) se transformaram.

É difícil datar quais foram tais transformações, mas o saudosismo com o qual Suzel as relata indica que ocorreram transformações, possivelmente sociais e políticas que se refletiram em sua realidade. Ela faz tais relatos em 2015, ano de publicação do vídeo, lembrando sua juventude. Desta forma é possível concluir que quando Suzel fornece tais relatos sua realidade não era a mesma; é difícil datar historicamente de forma precisa, quais foram as transformações que a levaram a perceber ou sentir mudanças,

porém pode-se compreender que o período tratado em todos os relatos acima compreende-se entre o que chama-se “Era Vargas” até o “Milagre Econômico”¹

Nestes períodos (sobre quais não discorrerei detalhadamente), ocorreram transformações, em relação as formas produtivas, tais como implementação de novos tipos de maquinarias, êxodo rural, aumento da produção voltada para o mercado interno; estas transformações certamente levaram a mudanças em outros aspectos da vida, além do material e comercial, pois quando há modificação nas formas produtivas modifica-se também a forma como as pessoas se relacionam com o trabalho, com o produto no qual resulta tal trabalho e consecutivamente na forma como as pessoas se comportam umas com as outras; Suzel relata o acesso ao rádio, produto que passou por um processo de “democratização”, no qual tornou-se acessível a diversas camadas sociais, assim como por um processo de escolha do que seria produto nacional na visão de Getúlio Vargas, e provavelmente evoluído até tal período.²

Neste período ocorreram mudanças em todo o funcionamento interno do mercado brasileiro, principalmente no que se refere ao crescimento das cidades e sua industrialização, tal crescimento teve reflexo direto no campo, na medida em que houve um crescimento concomitante do mercado interno e da produção agrária voltada para a zona urbana que crescia concomitantemente ao êxodo rural³. Tal mudança pode ser observada quando Bruno relata timidamente uma das atividades que executava: o envio do café via caminhões, pelo qual era responsável⁴, não fica claro se seriam exportados ou serviriam para o mercado interno, mas em tal relato pode ser observado que Bruno e sua família faziam parte da produção de um dos principais bens comercializados no Brasil em grande parte de sua história: o café.

Referências Bibliográficas:

¹ Deduz-se aqui pelos aspectos físicos dos relatores, e desta forma por se supor que os mais velhos, tais como os relatores da parte I possivelmente vivenciaram a Era Vargas, assim como Dirce; enquanto se deduz que Suzel vivenciou o período compreendido como “Milagre Econômico”.

² . Retirado da tese: AZEVEDO, L, C. *No Tempo do Rádio; Radiofusão e Cotidiano no Brasil. 1923-1960*: Tese apresentada ao curso de história da Universidade Federal Fluminense

³ SINGER, P. *A Crise do Milagre*: Brasiliense, 1977

⁴ SILVA, S. *Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil*: Alfa-Ômega, 1995.

Cine Trabalho

ALVES, G. *Projeto Cine Trabalho*, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UN4hUUAAn0yU> . Acesso em 10 dez.2019.

AZEVEDO, L, C. *No Tempo do Rádio; Radiofusão e Cotidiano no Brasil. 1923-1960*: Tese apresentada ao curso de história da Universidade Federal Fluminense como resquício parcial para obtenção do grau de doutor. Niterói, 2002

SINGER, P. *A Crise do Milagre*: Brasiliense, 1977

SILVA, S. *Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil*: Alfa-Ômega, 1995